

A TESOURA DE GUIMARÃES

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO, E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.

(Sem estampilha.)

Por anno 2\$400
 « Semestre 1\$300
 « Trimestre 720

Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no Escriptorio da Redacção, Rua da Caldeira, N.º 32. Preço de cada numero agulso 40 reis. No mesmo Escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 reis por linha, repetição 20 reis. As correspondencias serão dirigidas ao Redactor Principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por Tabellião desta Comarca, mediante o preço de 30 reis por linha, e não contendo materias em opposição ao nosso Programma.

ASSIGNATURA,

(Com estampilha)

Por anno 2\$930
 « Semestre 1\$350
 « Trimestre 850

GUIMARÃES 27 DE JUNHO.

A falta de consideração, ou antes desprezo, em que tem estado os concelhos de Guimarães, Fafe, Celorico, e Cabeceiras de Basto, torna-se por fim tão notavel e escandalosa que já dá cuidado áquelles, que, representando em geral o povo portuguez, representam em particular diversas localidades. O sr. Cyrillo Machado, notando talvez o vergonhoso silencio de seus collegas representantes deste paiz, levantou sua voz no parlamento; e usando dos termos genericos de sua procuração, como portuguez, que é, estranhou a falta de cumprimento dos contractos celebrados entre o governo e a companhia viação portuense para levar a effeito o melhoramento da nossa comunicação com a segunda capital do reino.

A imprensa, que não tem por timbre e gloria constituir-se em thuribulo, tambem não tem estado callada, e o *Bracarense* ultimamente sendo prodigo em louvores, mostra ao vivo as nossas carencias, sem que nós dê outro conforto alem das esperanças, que a sua boa fé lhe faz conceber.

Não somos nós tão facil em acreditar; e lembre-se o collega, que essa estrada, que por fim teremos para nos communicarmos com o Porto, já foi duas vezes decretada dando-se mais importancia aos contractos particulares, do que áquelles em que tem figurado a assignatura de dous Chefes do Estado; ao ponto que estão abertas e concluidas outras de muito inferior importancia cujos contractos nem sonhados eram, a não ser nos termos geraes — viação publica —

O *Bracarense* diz muito bem, e a imprensa de Guimarães muitas vezes o tem dito: as estradas de Guimarães a Villa Nova, e Braga são hoje uma divida, e as d'aquella cidade a Amarante, e a Chaves passando esta pela villa de Fafe, e cortando o rico territorio de Basto é uma necessidade publica, que as duas provincias do Minho, e Traz-os-Montes reelamam, como partes integrantes, e consideraveis de Portugal, para sua mutua comunicação, e apoz estas toda a Beira Baixa, a maior parte da Beira Alta; mas que importa este dever, e reciproca vantagem dos povos, se estes tem os seus destinos nas mãos d'egoistas, que só curam do seu interesse proprio; ou de vingativos caprichosos, que não duvidam sacrificar-se, contanto que sejam prejudiciaes; ou de ignorantes laes, que nem sequer sabem os rudimentos da chorographia do seu paiz?

Terá Braga mais vantagens em ter facil comunicação com Ponte do Lima, ou Barcellos, do que com Guimarães? Terá o Porto mais vantagens em ter facil comunicação com a Povoia de Varzim, Ovar, e, sobre tudo, com o *Castello do Queijo*, do que com Guimarães? Terá Guimarães, Fafe, e os dous Bastos menos direitos aos beneficios da patria, do que outra qualquer parte do reino? Mas vejamos a res-

posta, que a isto nos dá o *Ecco Popular* na sua correspondencia de Lisboa estampada no seu n.º 137 do presente anno. —

« Não se póde negar, diz o correspondente do *Ecco*, que depois da gloriosa revolução de Setembro de 1836, é esta a epocha em que se tem começado a praticar alguns actos de justiça para com a segunda cidade do reino; por que o sr. deputado pelo Porto, José da Silva Passos, tem apresentado alguns projectos, e feito algumas indicações, sobre os melhoramentos indicados, e exigidos, e pugnado para que se faça justiça á cidade, que nunca esquecida devia ser pelos liberaes. — *Notem — que nunca esquecida devia ser pelos liberaes.* — E, mais adiante, diz —

« A construcção das estradas do Porto para Ovar, Povoia de Varzim, Santo Thyrso, e Campo da Regeneração para o Castello do Queijo, era altamente exigida para o bem das povoações d'aquelles patrióticos concelhos, visinhos da cidade eterna, que tanto fizeram, e soffreram pela liberdade, e pela patria. »

Na verdade este correspondente do *Ecco Popular* tem-se consolado de caçoar com a gente! Não fallaremos nas povoações nomeadas, porque tememos offender algum individuo, que queira arrogar-se a qualidade de embaixador; mas não podemos deixar de perguntar pelos altos feitos, e soffrimentos da povoação chamada Castello do Queijo? — O maior serviço, e soffrimento que lhe observamos, durante o cerco do Porto, foi saudar ou salvar a bandeira bicolor arvorada na fragata D. Pedro, quando esta chegou defronte da foz do Douro, com tal excesso de prazer, que obrigou a fragata a disparar sobre o Castello povoação toda a sua artilheria embalada, sem exceptuar um morteiro, para livrar-se de saudação tão importuna! — Mas deixemos estas phrases irrisórias, e vamos ao essencial. —

Pelas palavras deste orgão do governo, e da maioria das camaras, os bens da patria devem ser distribuidos com preferencia pelas povoações, que mais serviços fizeram á liberdade, e maiores soffrimentos tiveram por amor da mesma patria, exultando por serem os historicos, os que começam a fazer justiça á cidade eterna pelas diligencias parlamentares do seu deputado o sr. José da Silva Passos.

Infeliz Guimarães, quando chegará o teu dia?!

Vieram os primeiros liberaes, mas estes mudaram o nome para *devoristas* — Nada de Guimarães — Vieram outros, mudaram o nome para *Setembristas* — Nada —

Vieram outros denominaram-se *ordeiros* — Nada — Vieram outros chamados *cabralistas* — Alguma cousa iam fazendo, que por fim deu em — Nada — Vieram os mesmos com novo nome de *embuscados* — Nada — Seguiram-se os regeneradores — Nada — Chegaram agora os historicos — Nada; escandalosamente nada! —

Quando chegarão os liberaes chamados portuguezes? — Teremos que esperar.

Mas não pensem os historicos, que Guimarães, e Fafe, são menos dignos dos beneficios da patria do que Braga, Vianna, Barcellos, Vallença, Arcos, Ponte do Lima, Villa Nova de Famalicão, Povoia de Varzim, Santo Thyrso, Penafiel, Ovar, Caminha, e o sempre memoravel Castello do Queijo! — Não — Se o Porto nunca deve ser esquecido pelos liberaes, Guimarães e Fafe não devem riscar-se da memoria delles.

Guimarães desde 1826 tem andado a par do Porto nas suas ideas politicas, e dynasticas. Mais de duzentas familias soffreram o sequestro em seus bens; as suas cadeias, as do Porto, as de Lamego, Almeida, e Covilhan, foram atulhadas de vimaranenses, e os reinos estrangeiros concederam a outros a sua hospitalidade, A Praça Nova vio perante as suas forcas um martyr de Guimarães, e se não chegou a vêr outro de Basto, foi, por que o intruso imperante teve um momento de Monarcha portuguez, tornando nulla e sem effeito a ferocidade, e injustiça dos tribunaes. O campo do martyrio por fuzilamento lá ficou banhado com o sangue de Guimarães, e, julgando ser isto ainda pouco, offereceu outro seu filho para ser immolado a golpes de machado. Todos os corpos do exercito libertador tinham um contingente de vimaranenses tanto na qualidade de soldados como de officiaes, incluindo nestes um commandante de corpo; e os cascos dos batalhões de voluntarios de Guimarães, e Fafe deram um corpo especial a esse pequeno exercito composto exclusivamente de praças de Guimarães, Fafe e dos dous Bastos. A Praça do commercio do Porto e batalhões da cidade erão compostos em grande parte de negociantes, caixeiros, e artistas oriundos d'aquelles concelhos, sem o auxilio dos quaes talvez se não chamaria hoje a cidade eterna. Quando os liberaes quizeram marchar para o absolutismo illustrado, Guimarães, seguindo o exemplo d'uma mulher sua filha levantou o grito da liberdade legal, ao qual o Porto respondeu, e d'elle se apossou; e, com quanto depois se desviasse della estrada, e por isso se visse obrigado a depor as armas perante tres poderosas nações, ao mesmo tempo as depozeram dous batalhões, um de Guimarães, outro de Fafe. Que mais queirão os liberaes historicos, ou regeneradores; os emboscados; cabralistas; ordeiros; setembristas; ou devoristas? que mais queiram os liberaes para não poderem esquecer-se de Guimarães, Fafe, e Basto? — Bem sabemos, que estes serviços á liberdade não são superiores, aos que prestou o Porto invencivel, a Braga fiel, Santo Thyrso, Ovar, Penafiel, e o mui attencioso Castello do Queijo; mas pelo menos não são elles inferiores; e como taes dignos dos bens da patria, a par d'aquelles concelhos.

Palavras já não nos illudem. De sube-

jo conhecemos o homem na sua generalidade, e só nos pèza não podermos habitar um outro mundo com esses, a que se pôde dar o nome d'homens livres, sem que as faces se nos cubram de rubor.

J. I. d'Abreu Vieira.

CORTES.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS.

SESSÃO DE 22 DE JUNHO.

Presidente o sr. Soure.

Deputados presentes 54 — Acta approvada. — Correspondencia.

O sr. Seabra mandou para a meza tres exemplares da primeira parte doCodigo Civil. — O sr. Bartholomeu dos Martyres pediu que se declarasse na acta que a camara tinha recebido com muita satisfação e especial agrado a offerta do sr. Seabra. Assim se resolveu.

ORDEM DO DIA.

Orçamento: artigo 3.º — Fizeram-se algumas propostas e emendas. A requerimento do sr. Pinto d'Almeida julgou-se a materia discutida, e approvou-se o artigo, bem como os artigos d'este o 4.º até ao 14.º inclusive.

Entrou em discussão o parecer da commissão de fazenda, sobre a proposta do sr. Passos José, para se fazerem algumas alterações no orçamento. Depois de pequena discussão foi approvado o parecer.

Entrou em discussão o projecto sobre expropriações por utilidade publica. Approvado.

Foi approvado o parecer, sobre a reconstrução do edificio da Escola Polytechnica, e obras nos edificios da Universidade. — Foi tambem approvado o projecto para a expropriação necessaria, a fim de se levantar um observatorio astronomico, junto á capital.

Igualmente foi approvado o projecto para o emprestimo de 150:000\$000 reis, para as obras da barra do Douro.

Entrou em discussão o projecto, para o governo ser authorisado a dar o subsidio annual de 9:600\$000 rs., por espaço de 6 annos, em prestações mensaes de 800\$000 reis, á empresa ou companhia que se obrigar a fazer a navegação a vapor, entre Lisboa e o Algarve. — Ficou pendente.

O sr. presidente, que ás 8 da noite havia sessão secreta.

Levantou-se a sessão.

SESSÃO DE 23 DE JUNHO.

Presidente o sr. Soure.

Deputados presentes 55 — acta approvada — Correspondencia. — Requerimentos.

O sr. Cyrillo Machado requereu que se declare urgente para entrar em discussão, depois do projecto 165, o projecto n.º 127 sobre a extincção da repartição do commando em chefe do exercito.

Sobre este requerimento houve votação nominal, ficando rejeitado por 16 votos contra 31 — Foi tambem rejeitado um requerimento do sr. Sant'Anna, sobre o mesmo objecto.

ORDEM DO DIA.

Projecto 184 — Navegação a vapor entre o Algarve e Lisboa. — Approvado.

Entrou em discussão o projecto sobre o contracto para a navegação a vapor entre Portugal e Açores. — Approvado.

Foi tambem approvado o projecto, que authorisa a Camara de Ponte do Lima a contrair um emprestimo de 4:000\$000 para obras.

O sr. Passos José mandou para a meza tres pareceres da commissão de fazenda.

O sr. presidente declarou que a Camara ia constituir-se em sessão secreta; eram 2 da tarde. — A's 5 abriu-se novamente a sessão publica. — Levantou-se a sessão.

INTERIOR.

Dizem de Lisboa que alli se recebera a infausta noticia da morte de S. A. a Sr.ª Infanta D. Anna de Jesus Maria, segunda Tia de S. M. o Senhor D. Pedro V.

— *Caminho de ferro do norte.* Dizem-nos que uma parte dos engenheiros inglezes encarregados por Mr. Peto dos estudos do caminho de ferro de Lisboa ao Porto, tem os seus trabalhos muito adiantados, e que Mr. Peto, recommendando a brevidade espera em Inglaterra a chegada d'aquelles engenheiros para partir para Lisboa.

Consta-nos que chegarão brevemente varios operarios e alguns materiaes para este caminho de ferro. (*Jornal do Commercio.*)

— *Revolta na cadeia.* — Hontem ás 9 da manhã, quando na cadeia da Relação se distribuia a santa (o rancho) — o carcereiro fez saber aos presos, as novas medidas policiaes ordenadas pela Presidencia, e que iam tornar-se effectivas para já — Os presos da prisão de Santo Antonio amolinarão-se e deram morras ao carcereiro. Este retirou-se e os presos sem dar tempo a que fechasse a porta sahiram á força, e correram á escada — A sentinella postada na porta de grade da escada gritou ás armas, e a guarda acudiu, sendo logo reforçada por caçadores n.º 9 — Os presos espalharam-se pelas diferentes partes do edificio, e recusavam voltar para a sua prisão, offerecendo resistencia aos soldados, chegando a torcer as bayonetas a alguns para as arrancarem — Foi necessario o emprego de meios violentos, ficando feridos, com bayonetadas, os presos: — Antonio d'Araujo, com sentença de degredo por 5 annos para Africa; Francisco Pereira, sentenciado a degredo perpetuo, Joaquim Ferraz, condemnado á morte; e José Monte, em julgamento — O ferimento do primeiro é grave, os dos outros são leves — Parece que tambem ficou mal tratado o rancheiro da cadeia. (*Porto e Carta*)

A LUCTA COM MR. CHARLES.

A's cinco horas da tarde a praça do Salitre estava litteralmente cheia. Os camarotes nem um estava devoluto; e nas trincheiras poucos logares vagos havia.

A's cinco e meia souu uma trombeta como para o juiz final; e logo se viu descer a prancha para a praça um vulto de enorme roundez, embuçado n'uma capa de panno azul, chapéu redondo, calça de meia, cõr de carne, e burzaguins de veludo preto. Era Mr. Charles, o invencivel luctador. A praça que até alli parecia uma zenzala de moiros, tornou-se silenciosa como um cemiterio!

O luctador alçou o braço nu, e tirou o chapéu para cortejar os espectadores. E' um homem de seus quarenta annos, de altura mediana, mas d'uma grossura espantosa. Terá de pezo umas dóze arrobas; é claro, rosado, de cabello loiro, comprido, bigode fraco, e sem nenhum pello no corpo. O semblante não tem expressão notavel; os olhos são pequenos e mortifcos.

Começou a passear na arena, que estava recamada de serradura. Ao ve-lo assim, desacompanhado, embuçado n'uma capa de panno, ninguem diria que estavamos n'uma liça

de atletas, n'uma capital, e perante um auditorio tão respeitavel. Para completar esta scena d'aldea, um rapaz de quinzena e bonet, veio com uma cadeira de palhinha, throno destinado para o rei dos luctadores se sentar; e era este o pagem que lhe pegava no chupeo, e na capa quando elle a tirava!

Nunca suppozemos que uma lucta athelelica se patenteasse com tal semceremonia, por não dizer mesquinheria.

Souu de novo a trombeta. Era o primeiro combatente. A este signal Mr. Charles tirou a capa, e um rumor desagradavel resouu por toda a praça. Ficára nú dos rins para cima. As espadas carnudas e descommunes; o abdomen immenso e flacido, davão-lhe á figura um aspecto repugnante, e o tornavão indecoroso. Quem tem aquelle feitio, não pôde descobrir-se assim; e a lucta podia ser feita com camisa de malha, como vinham os outros luctadores.

Entrou na liça o primeiro combatente Mr. Charles adiantou-se para elle, e apertou-lhe a mão. Depois cada qual tomou um punhado de serradura, esfregou as mãos, e deitaram-se um ao outro, mas com tal desaso que em tres minutos o pobre combatente estava em terra e Mr. Charles sobre elle rolando na arena. Alguns vendo o luctador no chão julgarão o espectáculo lindo, e um murmurio de hesitação se ouviu em toda a praça. Não tinha notado qual o primeiro que tinha ido ao chão.

Houve um intervallo, até que chegasse o segundo, que era um homem alto, nervudo e corajoso. Este luctou por algum tempo, tomando com valentia os braços do luctador, mas tendo se deixado cingir foi a terra. Quando se levantou insistiu em recommear a lucta; Mr. Charles recusou-a, porque na verdade o programma não o permittia. Mas grande parte dos espectadores começaram a vozear, tomando o partido do luctador portuguez, de que resultou uma algazarra indecente, que se augmentou com a imprudencia de mandar a auctoridade formar o piquete na praça, ouvindo-se muitas vezes «lôra as bayonetas.» Tudo isto é deploravel; se em vez daquella caricata ostentação de força, a auctoridade declarasse, que o programma impresso não permittia o pedido, os reclamantes callar-se-ão de certo, como fizeram logo que o piquete se recolheu, e o combatente se retirou. D'aqui por diante o povo ficou antipathisando com o athleta francez.

Seguiu-se o terceiro, que tambem era homem de força, e se manteve algum tempo sem que Mr. Charles o derribasse, mas foi a terra, por que se deixou abraçar.

O quarto que era o jauleiro das feras de Mad Labarrere, um rapaz imberbe, foi apupado logo que appareceu na praça, onde depois de fazer algumas sortes de arlequim, Mr. Charles atirou com elle por cima do hombro.

O quinto era um curioso parvo, que assim que chegou á praça, o luctador francez deu-lhe um encontrão e apresentou com elle em terra.

Os espectadores estavam descontentes, e reprehensivelmente davão assobios e signaes de reprovação, quando souu pela ultima vez a trombeta e appareceu na liça o sr. A. S.

Vinha de sapato e meia, calça branca, camisola de malha cõr de carne; o rosto coberto com rede de retroz preto, e barrete vermelho.

Depois dos cumprimentos, esfregou as mãos com a serradura, e começou a lucta. Logo ás primeiras posições mostrou que sabia da arte athlelica mui superior a Mr. Charles; arcou com elle braço a braço; nunca se deixou cingir; a pugna tornou-se interessante; as aclamações de toda a praça erão fervorosas e unanimes; o combate renhia-se quando de repente o possante mascarado ergueu do chão o corpo colossal do alcides francez. Um brado unisono rebentou de todos os angulos do circo:

os chapéus e os lenços pareciam adejar pelos ares; pelos camarotes e trincheiras todos estavam de pé; os bravos e vivas ouvíam-se no Rocio. Segunda vez Mr. Charles foi levantado ao ar, e esteve quasi tombando. O alcutado combatente portuguez, pediu descanso, e sentou-se.

Poucos minutos depois recomeçou a lucta, com o mesmo exito e aclamações. Novamente descansou o denodado campeão; voltou a carga: Mr. Charles estava furo e furioso.

Passarão os vinte minutos, e o invencível mascarado, teve de retirar-se, no meio da mais triumphante ovação, por ser o unico que o athleta francez não pôde derrubar.

Com este acabou o combate.

Sentimos que alguns espectadores dêssem uma estrondosa pateada (pateada nas trincheiras, foi a primeira vez que vimos!) que se mostrassem tão pouco generosos para com um homem, que tinha luctado por tanto tempo.

Na rua e no passeio houve assuadas e desordens reprehensíveis. Não gostamos de taes espectáculos, e quando dão taes resultados, a auctoridade não deve consentir a repetição.

Por ultimo diremos que só um combatente foi notavel e dois soffríveis. Os mais erão verbos de encher. Nenhum dos notaveis em força e destresa, que ha entre nós concorreu a esta lucta. E com razão.

Taes espectáculos não são deste seculo. Nem Mr. Charles tão pouco. Não temos que louvar nenhum rasgo de generosidade de tão poderoso homem para com os seus adversarios.

Consta-nos que elle tirou 1:600\$000 rs. de lucro, livre de despeza. Basta. Faltão-lhe muitas condições para segunda lucta, a qual pelo que ouvimos, suscitaria sérios disturbios
(Civilisação)

ILLUMINAÇÃO NO PASSEIO.

As festas da illuminação no passeio estiveram muito brilhantes. O transparente da entrada com as suas pinturas do nosso celebre Fonseca, e dos abalisados pintores Rambois e Ciatti era de magnifico effeito.

O primeiro lago com os seus lustres de varias cores; a rua do centro com o seu brilhantismo de luzes a gaz, com as suas sereias coroadas de luz; o obelisco airoso e elegante collocado no centro como todas as regras d'arte exigiam, como o bom gosto pedia, e sendo d'uma proporecionada altura, com as suas pinturas, com os seus emblemas, com as suas sete mil e tantas perolas de gaz, com a sua estrellas resplandecente por ultimo remate, e no fim a cascata com as suas tres mil e tantas luzes de varias cores similhando uma dessas prespectivas fantasticas cravadas de rubins, esmeraltadas e brilhantes era em verdade, de maravilhoso effeito.

Pouco partidarios somos da illuminação resplandecente, mas tudo isto nos encantou. O gosto mesmo apurado presidiu a toda a disposição para estas festas de caridade.

Quem largasse este passeio do centro de todos o mais concorrido, talvez por que todos se queriam cegar com tanta luz como a marifusa que dardeja em torno da luz, em que se vae queimar; quem largasse este passeio para ir divagar pelo jardim e bosque juntos, ou passear nas ruas lateraes, não menos maravilhadore ficava.

Aqui as elegantes cupolas de variados balões suspensas sobre as clipeses do bosque, alli um tecto tão bello de luzes a cores; além uns vasos tão vistosos todos illuminados, dispostos tão convenientemente nos jardins dos lados, os lustres e estrellas como que suspensos no espaço, que aqui e alem se viam illuminando as montas de flores e d'arbustos, e depois as ruas lateraes com essas arcadas de luzes em balões coloridos, com essa abobada vistossissima de luz, que não cega, mas que agrada tanto, seduziam

os que vão alli cobrar em prazeres o diminuto óbulo, que á porta se lançava na bolça dos pobres.

Os bazaares estavam lindissimos.

Quatro elegantes columnas devidiam em tres secções o balcão de cada barraca; em uma especie de throno se viam mil e tantos premios, alguns mui ricos, muitos de lindo gosto. O numero destas dadas muito áquem ficava da riqueza e gosto dellas.

A primeira nobreza de Portugal depois de ter enriquecido o bazaar com suas prendas, quiz encarregar-se da venda das sortes.

As mais distinctas maneiras, as mais delicadas e amaveis expressões acompanhavam sempre aquelle serviço. Bem hajam essas senhoras, que prestando-se com tanta bondade para aquella venda, quizeram ceifar mais uma flor mimosa para a sua coroa tão embelesada já por tantos actos de caridade.

Contristou-nos o ver, que pouca concorrência havia á compra das sortes; admira — tudo alli convidava a segastarem muitos 60 rs. que tanto custava cada uma; os premios mesmo convidavam — um rico faqueiro de prata, bellos espelhos, quadros apreciaveis, e tantos artefactos de aprimorado gosto convidavam por si mesmo bem os compradores. Duvidariam da fortuna?

Mas quem venerava e inspirava tão viva fé, em cada olhar, em cada gesto, em cada palavra!

Tivemos occasião de notar a melhor ordem, promptidão e regularidade quando se entregava algum premio; cavalheiros intelligentes e zelosos que estavam em cada bazaar, de prompto os procuravam, logo faziam no respectivo livro a competente descarga, e immediatamente se entregavam a quem a sorte quiz que elles locassem.

SS. MM. não quizeram deixar de honrar com a sua presença estas funcções.

Na primeira noite El-Rei o Sr. D. Pedro V, seu augusto pae, e o sr. infante D. Luiz percorreram o passeio. Consta-nos que SS. MM. e A., e que a real comitiva que os acompanhava foram mui satisfeitos do que viram. O digno e zeloso provedor do asylo acompanhou sempre SS. MM. até depois das 11 horas, que foi quando el-rei o sr. D. Pedro V partiu dali para o Paço, ficando El-Rei o sr. D. Fernando e o sr. infante D. Luiz, tão agradável lhes pareceu a noite, que alli se passava.

Na terceira noite El-Rei o Sr. D. Fernando e seus augustos filhos as serenissimas sr.^{as} infantas, e o sr. D. Luiz se dignaram visitar o passeio, e por largo tempo se demoraram. A noite convidava a gosar d'aquella festa. Depois que SS. AA. as sr.^{as} infantas se retiraram, El-rei o Sr. D. Fernando e seu augusto filho o Sr. D. Luiz quizeram ficar por mais tempo ainda percorrendo tudo, dignando-se S. A. por fim descansar algum tempo no bazaar da esquerda, onde vendia a Sr.^a duqueza da Terceira.

Tudo achamos o melhor possível nestas festas de caridade, apenas duas cousas notaremos ao digno provedor do asylo, o baixo preço dos bilhetes de entrada, e o não se alugarem os bancos fixos.

Julgamos muito diminuto o preço dos bilhetes. Mui rasoavel nos parecia o dobro, e mesmo mais proporecionado com o preço dos prazeres, que na capital se compram. Por ver tombar alguns negros diante d'um touro, por ver um theatro dão-se 480 rs. e mais, quem deixaria de ir ao passeio n'uma noite d'illuminação por igual quantia, sabendo de mais que esse dinheiro vai matar a fome, a quem precisa tanto de pão? E quem regatearia mais alguns vintens, quando elles são para o asylo dos pobres?

O bilhete de entrada pois, essa letra paga á vista nos prazeres d'uma noite ha de va-

ler mais, por que com elle mais se gosa; não é muito, é mesmo justo, que elle seja mais caro.

Ninguem deixaria de dar de bom grado maior preço para o cofre do asylo de mendicidade; ninguem, cremo-lo, temos esta crença doce, lisongeira; a caridade ainda não desapareceu da nossa terra. A mesma gente, que até agora tem ido ao passeio, iria nas seguintes noites; façamos justiça aos habitantes de Lisboa, e os pobres lucrariam o dobro.

Muita gente ha que a custo daria maior preço, e para esses desejaríamos que se dêssem uma ou duas noites por o preço actual.

Entendemos tambem, que os bancos fixos, se deviam alugar em favor dos pobres.

Desde que o passeio se fecha, desde que elle se cedeu para as festas de caridade, desde que ninguem (sem pagar) alli tem direito de entrar, direito algum tambem pôde o publico ter assentar-se alli de graça, como de tarde em que no passeio tem entrada franca.

E que justiça é esta de pagarem uns os assentos, e outros não?

E por que se não hão de alugar aquelles bancos e as cadeiras em favor do asylo?

Em estes se alugarem a camara nada perde e os pobres muito lucram.

Quem vae ao passeio nestas noites de festa de caridade deseja fazer o maior bem aos pobres, e por que se ha de proporecionar a uns occasião de dar uma esmola, pagando o assento, e a outros não, dando-se-lhe de graça.

Quando se tracta de beneficiar o asylo, deve-se proporecionar todas as occasiões para que se lhe dê esmola.

Ou assentos a todos de graça, ou a todos por dinbeiro, e ninguem, quererá deixar de os pagar, quando o seu preço seja para os pobres asylados.

Oxalá, que estas linhas sirvam, para que mais alguns vintens vão enriquecer esse pio estabelecimento, que tantos beneficios tem feito já, e em que tanto se espera.

Os habitantes de Lisboa não deixarão de lançar por este meio, tão suave e agradável o seu óbulo no thesouro dos pobres. ***

(Revolução de Setembro)

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

— Como na Russia se julgam os caminhos de ferro. — O banqueiro José Epstein de Varsovia, e a casa commercial de Milde de accordo com a sociedade Silesia, allugaram o caminho de ferro de Varsovia a Vienna, com obrigação de construirem alguns ramaes: devem pagar de renda annualmente 200.000 rublos de prata. O governo garante-lhe 5 por cento e um terço do excedente, se a empresa produzir mais.

Uma companhia composta unicamente de capitalistas russos, acaba de se organizar para a construcção do caminho de ferro de Odessa a Kiew e seus ramaes. O capital é de 120 milhões de rublos de prata, dos quaes 80 milhões serão realizados na primeira emissão. (1.º N. B.)

Os trabalhos do caminho de ferro de S. Petersbourg e Varsovia, desenvolvem grande actividade. O governo pôz a disposição do director 6,000 soldados para os aterros. Os habitantes de Stalluponen resolveram ceder os terrenos por onde a linha viesse, sem indemnisação alguma, se em 1861 a secção entre Koenigsberg e a fronteira estivesse acabada.

Que lição esta para alguns dos patrioticos e illustres proprietarios, que tiveram a sorte grande nas expropriações do caminho de ferro

(1.º N. B.) Assim tambem nós queremos caminhos de ferro, e quantos mais, melhor.

de leste. E ha quem julgue que os nossos é que são barbaros. (2.º N. B.)

(Revista Universal Lisbonense.)

Despachos telegraphicos. — « Roma 13.

O Papa presidiu em Bolonha a diferentes conselhos, nos quaes se resolveram questões administrativas de grande importancia. O grão-duque da Toscana, sua familia, o rei da Saxonia e sua filha a herdeira da Toscana, foram a Bolonha visitar S. Santidade.

Tambem M. Bonapagni o foi felicitar em nome do rei da Sardenha.

Um padre das cercanias, de Bolonha a quem Pio 9.º recommendou a subscrição para os caminhos de ferro romanos, como obra pia, respondeu: — Santo Padre, não somente subscreevi por minha conta, mas dou por penitencia a todos os meus parochianos o tomarem um certo numero de acções do caminho de ferro, na razão do numero e importancia dos seus peccados. (Razão)

LOCAES.

A virtude. — No meio da devassidão, e immoralidade Guimarães ainda abunda em almas virtuosas. Sabendo-se o estado lamentavel em que ficou a infeliz Margarida Roza Gonçalves, victima deshonrada pela brutal concupiscencia, e dos poucos meios que sua mãe, e lia tem para o seu tractamento, e curativo, tractam de haver estes meios por uma subscrição, e igualmente de as habilitar para progredir sua accusação contra o criminoso.

Festjo natalicio. — O ill.º sr. Henrique Cardozo de Macedo, festejou o dia 27 deste mez. em que nasceu seu chorado filho o ill.º sr. Domingos Cardozo Martins da Costa de Macedo com officio, e missas geraes na igreja de S. Domingos — Que festejo natalicio! — Tristes paes.

Fallecimento, e enterro. — No dia 26, proximo a noute, deixou d'existir o exc.º sr. barão do Costiada; foi sepultado no dia 28 na capella da V. O. Terceira Dominicana, depois do officio e missas de corpo presente na igreja do extincto convento da mesma Ordem. Tudo se fez sem grande aparato, conforme suas disposições, e so foi grande aquillo, em que sua sobrinha a exc.ª sr.ª D. Maria da Conceição Vaz do Amaral, e Napoles, na impossibilidade da exc.ª sr.ª baroneza viuva, não podia ser contradictada pelas ditas disposições. — O batalhão 7 de caçadores formou, e deu as descargas do estylo, por que s. exc.ª tinha as honras de coronel do exercito. — Filho segundo d'uma familia illustre chegou ao posto de capitão de primeira linha, do qual passou a coronel da segunda. Casado com a filha segunda d'outra casa não menos illustre veio por este casamento a ser senhor da casa de Costiada, e depois barão do mesmo titulo. Servio interinamente o cargo de governador civil de Braga. Foi um des liberaes, que pôde chamar-se feliz. Deus lhe dê felicidade na vida eterna.

S. Pedro. — Foi festejado nas Caldas de Vizella aonde concorreu muita gente desta cidade, para gozarem a illuminação, fogo, e musica na vespóra a noute. Segundo nos informam, o tempo não foi perdido, e melhor se aproveitara se não fosse a chuva. Passou-se bem, e a pobreza lucrou; por que das esmollas pedidas por boccas de damas... (e que damas!) vão ser vestidos alguns pobres.

Vem a talha de fouet. — Parece, que alguns banhistas d'aquellas Caldas não levaram a bem, que os zeladores do municipio fossem alli zelar o interesse deste, e o dos proprios banhistas, oppondo-se a que se examinasse um peixe podre, que andava á venda, e se este tinha pago os direitos de consumo, e bem assim se o pão tinha o peso da estiva! — Ita

(2.º N. B.) Se o terreno portuguez fosse o russo, tambem por ca haveria destas generosidades; porque os proprios caminhos davam a indemnisação.

gente que nem para si é boa, e por isso não podemos grande duvida em acreditar o boato — Em banhos de caldas todos querem ser alguém. — E' cousa antiga. —

Ronda. — Domingo veio a ronda da Senhora da Lapinha a Guimarães como é de costume. A frescura do dia convidava, e, por isso talvez, trazia mais gente, que de ordinario — A espera no terreiro do Cano foi menor, por que a ronda chegou mais cedo, do que se esperava.

Loteria. — Temos em nosso poder uma relação de todos os premios, grandes, e pequenos, e dos respectivos numeros que sahiram premiados com relação á quinta extracção no segundo trimestre do corrente anno da loteria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Doze d'Agosto. Por falta de espaço não temos publicado alguns artigos deste periodico, que reputamos curiosos, com quanto sejamos divergente em algumas das suas ideias, nem tenhamos por concludente o exemplo ultimamente apontado. Por todos os motivos pois, cremos, que o nosso silencio será mais conveniente á infeliz classe, cujos interesses o collega promove.

Ja não veio a tempo. Temos agora na mão uma resumida descripção da festa de Vizella. Já não veio a tempo; está a folha cheia. Irá no numero seguinte.

Queixas. Sabemos, que alguns negociantes, ourives d'ouro, e prata nesta cidade, se queixam da imposição que a camara municipal da Covilhan pôs a todo o genero de commercio com loja armada naquella villa, e povos do concelho, ao passo que os negociantes d'alli vendem nesta cidade os seus generos commerciaes, com especialidade grande quantidade de pannos sem pagarem imposto algum. Não sabemos até que ponto a queixa é fundada, mas damos-lhes razão, quando os interesses não sejam reciprocos.

Cabra-cega. Nas noutes de 27, e 28 jogamos a cabra-cega pelas ruas, porque a senhora lua com o seu pequenino espaço illuminado não saltou para diante das grossas nuvens, que a cobriam. Se Guimarães tivesse lampeões, accendiam-se, ou os arrematantes erão multados; como os não tem, por isso perdemos.

Cereaes. Deram uma baixa consideravel no mercado do dia 27. O milho de 580 rs. desceu para 540 rs.; o centeio de 700 para 440 rs.; o feijão amarello de 700 para 600 rs.; a batata de 360 para 280 rs. etc. — O milho alvo, ou miudo conservou o preço de 580 a 600 rs. por ser procurado. O trigo tambem não fez differença ficando ainda de 1\$000 a 1\$030 reis.

Publicações Litterarias.

A MEMORIA.

Pelo exc.º barão de Forrester (annunciada em 27 do mez passado) — sobre o curativo da molestia das vinhas — acha-se á venda na typographia commercial, rua de Bellomonte n.º 74. E' ornada de duas estampas, e custa 240 rs.

N. B. O author offerece este opusculo aos vinhateiros de Portugal, e permite a sua reimpressão a quem a quizer fazer.

ANNUNCIOS.

Na rua dos mercadores desta cidade em casa de Domingos Vieira Biscouteiro, acha-se para allugar um novo carrinho para conduzir gente até sete pessoas para as Caldas de Vizella, Taipas e S. Torcato, e para outras partes por preços commodos, e porisso quem pertender dirija-

se a casa do mesmo annuncian- te. (168)

Para ajudar ao serviço de uma casa, precisa-se de um rapaz de 12 até 16 annos, prestando abonação; e o mesmo pode ser instruido em Ensino Primario e Francez. A quem convier, dirija-se a Francisco Antonio d'Almeida, á Senhora d'Oliveira. (169)

No dia 12 de Julho do corrente anno por 9 horas da manhã, na rua de S. Francisco desta cidade, se hade arrematar em hasta publica, os moveis, e uma morada de casas sita na dita rua, que foram da fallecida Magdalena Mendes, e hoje pertencem a seus herdeiros e Netos Maria, e Antonio, orphãos impuberes filhos de José Joaquim de Souza Guimarães isto por deliberação do conselho de familia em autos de inventario a que se procede pelo cartorio do escrivão Ferreira Porto. (167)

COMPANHIA VIAÇÃO PORTUENSE.

A Direcção desta Companhia, repetindo o annuncio já feito no *Diario do Governo*, e nos periodicos desta cidade, tem a honra de prevenir os senhores accionistas da cidade de Guimarães, de que a primeira prestação com que os mesmos senhores tem a entrar para o Cofre da Companhia, por conta das acções ultimamente tomadas para a construcção da Estrada de Villa Nova de Famalicão a Guimarães, é de 20 por 100 (ou 10\$000 reis por acção) que deverá ser entregue no Escritorio da Companhia no Porto, ou em Guimarães, em casa do ill.º sr. Francisco José de Carvalho e Oliveira, largo de S. Francisco. Porto 18 de Junho de 1857.

Os Directores.

Antonio Ferreira de Macedo Pinto.
Francisco José Coutinho.
José Joaquim Pinto da Silva. (165)

Francisco José Monteiro, muda o seu estabelecimento de loja de peso, agoas ardentes e mais objectos, que tem tido em frente de S. Sebastião para a rua da Caldeiroa n.º 33.

10:000\$000

Na Praça do Tournal, na loja de Antonio José d'Almeida, vendem-se bilhetes, meios ditos, quartos e cautellas da Loteria de Lisboa. (99)

GUIMARÃES:

Typ. de Francisco José Monteiro
Rua da Caldeiroa n.º 32.